

VASP. Tudo para ter você a bordo.

432

Indígenas querem apuração de chacina

BRASÍLIA - Os ticuna iniciaram ontem, pelo Ministério da Justiça e Procuradoria-Geral da República, sua longa peregrinação por Brasília, em busca de providências com relação ao massacre da semana passada. As seis lideranças ticuna, entre as quais três sobreviventes da chacina, falaram de dor e revolta, exibiram cicatrizes, e apresentaram duas listas: uma com os nomes de seus 14 mortos e outra, encabeçada pelo madeireiro Oscar Castelo Branco, com os dos 11 brancos que conseguiram identificar entre seus carrascos. E deram um aviso: a justiça será de feita, de uma forma ou de outra.

Os assassinos podem escapar das mãos da Polícia Federal, mas das mãos dos ticuna eles não escapam de jeito nenhum -, avisa Constantino Ramos Lopes, mostrando, nas costas, quatro perfurações de chumbo produzidas por um tiro de cartucheira.

Constantino viu quando Natalino Manoel tombou ao seu lado, atingido por um tiro desferido por um garoto branco de aproximadamente 12 anos. Caído, Natalino recebeu ainda mais dois tiros a queima-roupa. Foi o primeiro ticuna a morrer no massacre do dia 28. Depois, foi assassinado Juca

Luciano Esteves, em seguida Marco Anísio Galdino (o *Baixinho*), depois Raimundo Augusto Mariano, 16 anos. Desses, a Polícia Federal encontrou os corpos. Dos outros 10 entre os quais cinco crianças, alvejados dentro do rio Solimões e atirados na correnteza, dificilmente se voltará a ter notícias.

Empenho prometido

No Ministério da Justiça, os ticuna ouviram do ministro Paulo Brossard a afirmativa de que existe todo o empenho das autoridades em apurar as responsabilidades pelo massacre, atinja a quem atingir. Do subprocurador-geral da República, Cláudio Fontelles, a informação de que, por representar uma grave ofensa à ordem pública, a acusação dos réus ficará a cargo de um procurador da República. Por envolver conflito de terra, segundo Fontelles, o caso será julgado por um juiz federal.

A má notícia, dada pelo subprocurador da República, e a de que o julgamento dos responsáveis pela chacina - que, segundo ele, deverão ser enquadrados no homicídio qualificado, com pena de 12 a 30 anos de prisão -, deverá arrastar-se por meses a fio.